

PODCAST CIÊNCIA SUJA**Título:** Médicos de IA invadem o Youtube**Roteiristas desta versão:** Chloé Pinheiro**VÍDEO DE YOUTUBE**

[Médica] A maioria dos brasileiros acima dos 60 anos está bebendo água do jeito errado. Eu vou te apresentar cinco ingredientes que você pode acrescentar a sua água, do número cinco ao número um. Vamos começar com o número cinco: uma pitadinha de sal de qualidade na água.

CHLOÉ: A mulher que você ouviu aí falando que idosos deveriam botar sal na água, uma recomendação que vai contra todas as diretrizes de cardiologia e nutrição, tem um canal com 23 mil inscritos no Youtube.

VÍDEO DE YOUTUBE

[Médica] Oi, eu sou a doutora Isabella Carvalho, sou urologista, e esse é meu canal. Eu criei esse espaço por um motivo simples: informação de qualidade não deve ficar presa no consultório. Deveria estar acessível para todo mundo, de graça, em linguagem clara.

CHLOÉ: Os conteúdos da “doutora Isabella” são um show de desinformação. Tem vídeo falando que guardar alguns alimentos na geladeira dá câncer, que uma bebida natural pode baixar o açúcar no sangue da noite pro dia e até que colocar limão no café apaga rugas profundas de pessoas idosas. E aí nos comentários está cheio de gente agradecendo e dizendo que essas dicas funcionam mesmo.

CHLOÉ: Só tem um detalhe, tá gente, uma coisinha besta... A doutora Isabella não existe. É uma médica gerada por inteligência artificial. O canal é real, desinforma muita gente. A médica que não é.

CHLOÉ: E antes fosse só ela. A gente vai contar hoje sobre uma apuração inédita que o pessoal da Ctrl Z compartilhou com o Ciência Suja em primeira mão. Em um levantamento rápido, feito manualmente, eles levantaram 29 canais de médicos que não existem, e que dão orientações insanas como essas.

CHLOÉ: Esses canais já somaram 70 milhões de visualizações! Sim, 70 milhões de plays em conteúdos que botam a vida das pessoas em risco — e que ao mesmo tempo dão dinheiro tanto para os donos dos canais quanto para o Youtube. E a gente está provavelmente olhando só pra uma pontinha de um iceberg que se esconde nas engrenagens do Youtube para lucrar em cima da saúde alheia.

CHLOÉ: Eu sou a Chloé Pinheiro, produtora e roteirista, e essa é mais uma pílula do Ciência Suja, o podcast que mostra que em crimes contra a ciência, as vítimas somos todos nós.

TATIANA DIAS

Eu acho que o jornalismo de tecnologia em geral, nesse tipo de pauta, fica muito nessa camada do conteúdo, que é importante denunciar, a plataforma remover o conteúdo... mas acho que é importante a gente falar na responsabilidade das plataformas nisso.

CHLOÉ: Aí você ouviu a Tatiana Dias. Ela é diretora de programas da Ctrl Z, uma ONG recém-criada para responsabilizar as big techs pelos problemas que elas têm causado à sociedade.

TATIANA DIAS

Porque, no final das contas, tem uma estrutura que premia esse tipo de criador de conteúdo. Não à toa, existe uma indústria desses canais, né?

CHLOÉ: A Tatiana que fez aquele levantamento sobre canais de médicos feitos com IA e veio contar dele para a gente. Ela é uma baita jornalista, foi editora-executiva do Intercept por anos, e agora se jogou de vez na missão de fiscalizar as big techs, que, para quem não sabe, são as grandes empresas de tecnologia, como Microsoft, Google, Meta, enfim.

CHLOÉ: No começo de junho, a Tatiana estava vendo um vídeo sobre saúde no Youtube, um vídeo sério, quando a plataforma recomendou outro conteúdo para ela, de um canal diferente. Um conteúdo mais esquisito.

TATIANA DIAS

Se vocês forem ver as thumbs, as imagens dos vídeos, são todas muito sensacionalistas. “Não faça isso e morra em uma semana”. “Coloque esse pozinho na sua água e cure o câncer”. São todos negócios muito absurdos. Eu olhei aquilo, eu falei: “O que é isso?”. E, aí, quando eu cliquei no vídeo, eu vi que era um médico de IA, e eu achei aquilo muito bizarro.

CHLOÉ: Estava bem óbvio que a médica do vídeo não era uma pessoa da verdade, e a Tatiana viu o tal vídeo, e aí outro, e depois outro, e entrou na “toca do coelho”, que é um termo que vem da Alice no País das Maravilhas, e que o pessoal usa para descrever essa espiral de recomendações do Youtube. Ela começa em um troço meio inofensivo, mas você vai entrando e de repente está inundado de desinformação e conteúdos alarmistas, ou com viés extremista, violento, enfim.

CHLOÉ: A Tatiana resolveu mergulhar na lama e catalogar essa pesquisa, e acabou mapeando toda uma rede de canais de médicos gerados por IA. Sim, se você achava que médico antivacina era o cúmulo, saiba que sempre dá para piorar.

CHLOÉ: Foi assim que ela chegou naqueles 29 canais de médicos fake, com 70 milhões de plays — e contando.

TATIANA DIAS

Então, a contagem de seguidores dos canais, de visualizações. Tanto que os números que eu tinha no começo do mês, que eu comecei a mapear, depois eu tive que

atualizar, porque quase todos tinham crescido consideravelmente. Quer dizer, são canais que estão em franca ascensão no último mês. E a gente sabe que isso é uma coisa exponencial. Se a rede inteira cresce, todo mundo cresce junto, porque eles puxam a recomendação uns dos outros.

CHLOÉ: Quando a Tatiana fez a conta pela primeira vez, esses canais tinham 60 milhões de views. Um mês depois, ela refez os cálculos, e a rede ganhou mais 10 milhões de visualizações, chegando nesses 70 milhões que a gente contou. E eles funcionam como uma fábrica mesmo. Por dia, a rede produz mais de 10 vídeos e ganha mais de 266 mil views diários.

CHLOÉ: Os conteúdos seguem um padrão: chamada alarmista, médico simpático e muita linguagem científica. Os temas se repetem muito; até os roteiros são parecidos. Mas o maior gatilho para o clique é o medo ou a promessa milagrosa mesmo. Escuta só alguns dos títulos que a gente pescou nesse levantamento:

VOICE OVER

Alerta do médico: Nunca reaqueça esses seis alimentos, risco de câncer

Seu tipo sanguíneo revela como você pode morrer

Coloque isso na água toda manhã e sua ereção fica mais forte todo dia naturalmente

CHLOÉ: Esses vídeos são monetizados, ou seja, geram lucro para o criador mesmo que ele não esteja vendendo nada (e alguns estão vendendo, sim). A maioria dos canais exibe anúncios no Youtube, o que significa que a própria plataforma lucra com o conteúdo exibido. Aliás, a Tatiana reforçou que o principal problema não são esses 29 canais. Até porque eles são uma amostra pequena.

TATIANA DIAS

A gente precisa discutir a responsabilidade do YouTube nisso, porque existe uma rede de pessoas, de criadores de conteúdo que estão se aproveitando da vulnerabilidade das pessoas idosas para disseminar a desinformação ou informação limítrofe aí, mas isso não aconteceria se não tivesse incentivo da plataforma, que premia com engajamento, recomendação e principalmente monetização.

CHLOÉ: Boa parte desses vídeos até tem uma marcação que indica que o conteúdo foi feito por IA. Mas a marcação é discreta, está num quadradinho minúsculo, que fica embaixo do título. E é descrita em mais detalhes só quando você clica para ler a descrição do vídeo até o fim. Quem já está mais acostumado bate o olho e na hora desconfia, porque tem umas coisas bem toscas mesmo no vídeo.

CHLOÉ: Mas, pelos comentários, dá para ver que muita gente acredita mesmo naquilo. Pra entender como, a gente pediu uma ajuda rápida para o André Bacchi, farmacologista, professor da Universidade Federal de Rondonópolis e um parceirão de

longa data nosso, que manja muito da desinformação em saúde. Ele também pesquisa os motivos que fazem as pessoas acreditarem em pseudociências e picaretas.

ANDRÉ BACCHI

E tudo isso, todas essas estratégias retóricas que estão presentes ali, desde o título do vídeo até as frases e argumentos que são construídos ali, acabam explorando vieses cognitivos nossos mesmo, né?

CHLOÉ: Além do apelo emocional, um mecanismo que o André destaca é o da “heurística da disponibilidade”. Eu vou traduzir esse conceito aqui: a pessoa fica assistindo tantos conteúdos falando a mesma coisa que aquilo acaba reforçando as crenças dela e se torna verdade. Mesmo se tiver muito, mas muito longe de ser verdade. E é o que a Tatiana falou: não é só que os conteúdos são parecidos, mas um vídeo puxa o outro no sistema de recomendações do Youtube.

CHLOÉ: Outra coisa é o direcionamento claro de público-alvo. Os vídeos são em sua grande maioria voltados pros idosos, e prometem soluções contra questões de saúde que são muito associadas ao envelhecimento: falta de memória, dor nas articulações, doenças cardiovasculares e por aí vai. E os idosos são um público suscetível a golpes, pela falta de letramento tecnológico mesmo, o que não quer dizer que jovem não acredita em mentira online não, viu? Está cada vez mais difícil distinguir vídeo de AI da realidade, não é? A tiozona aqui já caiu no vídeo da baleia amamentando, em falsa galeria de look do Met Gala, e eu sei que você que está ouvindo já provavelmente caiu em algo do tipo.

CHLOÉ: Por trás desses vídeos, tem os golpes óbvios, de venda de cursos, por exemplo. Mas tem também os que indicam trocar medicamentos convencionais por certas substâncias naturais. Aí tem três coisas: uma que a gente não sabe se é natural mesmo; dois que natural não é igual a inofensivo, e três que largar tratamentos cientificamente comprovados é uma baita furada. E fora que esses vídeos podem atrasar um diagnóstico correto, porque ficam mandando a audiência tratar um sintoma “com truques simples que ninguém te conta”, em vez de ir buscar com um médico o que realmente pode estar por trás dessas queixas.

CHLOÉ: O André Bacchi vê esses vídeos como uma evolução de boatos que já circulam há tempos no WhatsApp, mas agora eles estão mais perigosos, porque não é um texto X que foi encaminhado ou assinado por um “doutor de Harvard”. É uma pessoa ali, de “verdade”, de jaleco, sorrindo. E vale destacar que a tecnologia está evoluindo rapidamente, criando imagens e vozes cada vez mais realistas. E também está cheio de curso online ensinando influenciadores a gerarem conteúdos 100% artificiais. Então é bom a gente estar preparado para esse futuro, porque ele não é nada bonito.

CHLOÉ: Mas será que criar um médico falso para dar conselhos perigosos é crime? Ou pelo menos viola alguma regra do Youtube? Então, aí é que tá... É tudo uma grande zona cinzenta. A Tatiana explicou que esses vídeos se aproveitam de uma

brecha nas políticas do Youtube, que proíbe desinformação médica, mas abre exceções para conteúdo, entre aspas, “educativo”. Então os caras colocam na descrição um disclaimer dizendo que ele tem caráter educativo e informativo, e não substitui uma consulta médica.

CHLOÉ: Para a Tatiana, as regras atuais não contemplam a complexidade desse novo (e terrível) mundo digital. E o Luã Cruz, jurista que é diretor de litigância na CtrlZ, apontou possíveis violações que esses conteúdos cometem, e que seriam passíveis de punição. Uma é na esfera criminal mesmo, porque esses canais podem estar cometendo estelionato quando vendem produtos ou cursos falaciosos. A outra esfera é o direito do consumidor. Fala aí, Luã.

LUÃ CRUZ

Então, essa relação entre usuário e plataforma é uma relação que é protegida pela defesa do consumidor. Então, da mesma forma que você não pode ter um carro sem airbag ou um remédio que não passa pelo pelos trâmites da Anvisa, o Youtube não deveria poder veicular esse tipo de produto e esse tipo de conteúdo, porque é um conteúdo prejudicial à saúde e à segurança das pessoas.

CHLOÉ: E tem ainda o fato de que, no ano passado, o Supremo Tribunal Federal reinterpreto o Marco Civil da Internet e ampliou as hipóteses em que as plataformas podem ser responsabilizadas pelo conteúdo publicado por usuários. Verdade que a desinformação médica não foi citada diretamente entre os tópicos que as plataformas devem moderar de antemão, mas a formação de redes do tipo viola outros aspectos dessa lei. Então não dá para tirar o corpo fora: esses canais só existem por causa do Youtube, e o Youtube lucra com a existência deles.

LUÃ CRUZ

Então, se eu ver uma a rede de disseminação de conteúdo esteja disseminando conteúdo criminoso, a plataforma também é responsável por cuidar dessa rede, tirar do ar, identificar. E a gente tem visto que essa rede está de vento em popa.

CHLOÉ: Com a nova definição de responsabilização dada pelo STF, há uma oportunidade de melhorar esse cenário, mas, para isso, a lei precisa ser cumprida. E isso parece estar longe de acontecer.

PEDRO: Oi, pessoal! Aqui é o Pedro Belo, produtor do Ciência Suja. A gente pediu um posicionamento pro YouTube e eles responderam com a seguinte mensagem. Abre aspas: “ Todo o conteúdo no YouTube, incluindo aquele gerado com ferramentas de IA, deve seguir nossas Diretrizes da Comunidade. Isso abrange nossas políticas sobre desinformação médica, que proíbem informações incorretas a respeito de prevenção e tratamentos capazes de causar, comprovadamente, danos graves no mundo real. Também adicionamos rótulos a conteúdos gerados por IA para garantir que os espectadores estejam informados sobre o que estão assistindo. Ao identificarmos material violativo no YouTube, aplicamos as medidas cabíveis em conformidade com

nossos Termos de Serviço, as regras do Programa de Parcerias do YouTube e nossas Diretrizes da Comunidade.” Fecha aspas.

ENCERRAMENTO

CHLOÉ: Pessoal, essa pílula ficou curtinha, até porque a ideia é essa, né, ser uma pílula. Mas a gente já falou bastante sobre o tanto de desinformação científica que circula nas redes. Se você quiser se aprofundar mais nesse ecossistema, eu recomendo especialmente o episódio “A máquina de Drauzios Falsos”, onde a gente mergulha na discussão sobre como as plataformas lucram com anúncios falsos de saúde. Tem também o “As Redes da Discórdia”, e a pílula fresquinha sobre o ECA Digital. Enfim, material não falta pra entender o tamanho do buraco em que a gente está.

CHLOÉ: Esse episódio foi apurado pelo Pedro Belo e por mim, Chloé Pinheiro. O roteiro é meu, e a edição de texto ficou com o Pedro Belo, a Meghie Rodrigues e o Theo Ruprecht.

CHLOÉ: A edição de som, mixagem, trilhas originais e a masterização são do Felipe Barbosa.

CHLOÉ: O Ciência Suja tem o apoio do Serrapilheira. Você também pode financiar o nosso projeto no nosso site. São vários planos diferentes para caber no seu bolso.

CHLOÉ: E fica de olho que, em agosto, o Ciência Suja completa 5 anos e a gente vai trazer uma novidade super bacana!